



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE  
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS  
SOLIDÁRIOS  
CAMPUS V POMBAL-PB

**A REALIDADE SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL DA ASSOCIAÇÃO DOS  
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE POMBAL-PB: DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO SOCIAL**

MARLY CORDEIRO DA COSTA

POMBAL-PB  
2013

Marly Cordeiro da Costa

**A REALIDADE SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL DA ASSOCIAÇÃO DOS  
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE POMBAL - PB: Desafios e  
possibilidades para a inclusão social.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Especialização em Educação de Jovens e Adultos com  
Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano,  
como requisito para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: D. Sc. Patrício Borges Maracajá

Pombal-PB

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL  
CAMPUS POMBAL/CCTA/UFCG**

MON  
C837r

Costa, Marly Cordeiro da.

A realidade socioeconômica e ambiental da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Pombal – PB: desafios e possibilidades para a inclusão social / Marly Cordeiro da Costa. – Pombal, 2013.

30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários, 2013.

"Orientação: Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá".

Referências.

1. Catadores de Materiais Recicláveis. 2. Inclusão Social. 3. Vulnerabilidade Social. I. Maracajá, Patrício Borges. II. Título.

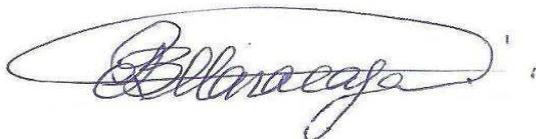
UFCG/CCTA

CDU 628.4

**MARLY CORDEIRO DA COSTA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

TCC aprovado em: 30 / 09 / 2013



---

Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá  
CCTA/ UFCG  
Orientador



---

Prof. M. Sc. José Tomaz de Aquino  
CCTA/ UFCG  
1º Examinador



---

Profª. M. Sc. Luci Cleide Farias Soares Souza  
CCTA/ UFCG  
2ª Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais (Arnaud Pereira e Francisca Cordeiro) e aos meus irmãos (Maurilio e Marcilio) por caminharem comigo me incentivando para a concretização deste sonho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da Vida e a inspiração necessária para desempenho deste estudo.

Aos meus pais e irmãos pela força e encorajamento diante dos obstáculos.

Ao grupo de catadores associados na ASCAMARP e ao dono da sucata, sem os quais não teria desenvolvido tal estudo.

Ao meu orientador Patrício B. Maracajá, pela paciência, compreensão e colaboração durante a elaboração deste estudo.

Aos Mestres José Tomaz e Luci Cleide, que gentilmente aceitaram participar da Banca Examinadora e me ofereceram valiosas contribuições.

Aos colegas de classe pelo apoio nas horas em que quis fraquejar e pela troca de conhecimentos.

E a todos aqueles que acreditaram e me fizeram acreditar na capacidade de realização deste sonho.

## RESUMO

O presente estudo é resultado de uma análise sobre a realidade socioeconômica e ambiental dos catadores cadastrados na Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Pombal-PB (ASCAMARP). Utilizando-se de pesquisa de campo com visitas *in lócus* observaram-se através da amostra de 25 catadores associados, as condições de trabalho, a relação entre os catadores e os atravessadores, e a conscientização dos catadores sobre a importância de seu trabalho para a economia local e a preservação do meio ambiente. Destacando as exigências do mercado de trabalho formal e a relação entre idade, escolaridade e qualificação profissional como fatores culminantes para a inserção das pessoas nessa atividade, traçou-se o perfil desse público diante das situações de exclusão e preconceito social. Como também, investigou-se quais os desafios e possibilidades enfrentados pela ASCAMARP para inclusão social dos catadores, identificando as parcerias e ações propostas na luta por condições dignas de trabalho, reconhecimento, e, conseqüentemente, melhores condições de vida para todo o grupo de associados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catadores de Materiais Recicláveis. Inclusão Social. Vulnerabilidade Social.

## ABSTRACT

The present study is the result of an analysis about the reality socioeconomic and environmental waste pickers registered in the Association of Recyclable Materials de Pombal-PB (ASCAMARP). Making use of field research with visits in locus were observed across the sample of 25 pickers associates, the working conditions, the relationship between the collectors and middlemen, and the awareness of collectors about the importance of his work for the local economy and preserving the environment. Highlighting the demands of the formal labor market and the relationship among age, education and professional training as factors culminating to the inclusion of the people in this activity, traced the profile of this public face of the situations of exclusion and social prejudice. As well, investigating what challenges and opportunities faced by ASCAMARP for social inclusion of waste pickers, identifying the partnerships and actions proposed in the struggle for decent working conditions, recognition, and, consequently, better living conditions for the entire group of associates.

**KEYWORDS:** Recyclable Materials. Social Inclusion. Social Vulnerability.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>1 CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL .....</b>	<b>02</b>
1.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO .....	02
1.2 PERFIL DOS CATADORES .....	03
1.3 RISCOS E BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE .....	04
1.4 PROFISSÃO <i>VERSUS</i> SOBREVIVÊNCIA .....	06
1.5 ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma nova realidade no mundo do trabalho .....	08
1.6 ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES EM ASSOCIAÇÕES .....	09
1.6.1 ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE POMBAL- PB (ASCAMARP) .....	10
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

Diante das mudanças socioeconômicas e das exigências do mercado de trabalho formal, os trabalhadores excluídos desse contexto passaram a vivenciar situações que tinham a geração de renda imediata como regra de sobrevivência.

Uma nova realidade no mundo do trabalho, com atores sociais e objetivos que estimularam os trabalhadores cooperados ou associados a se organizarem de forma que a economia solidária fosse vista como alternativa para a inclusão social e possivelmente a geração de renda autônoma, colocando em destaque debates com temáticas inerentes a meio ambiente, sustentabilidade e reciclagem. O que nos instigou à realização deste estudo sobre a realidade social dos catadores cadastrados na Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Pombal-PB (ASCAMARP).

Partindo de um contexto geral desses trabalhadores, a nível nacional, foi traçado um perfil comum aos catadores, destacando os riscos individuais e os benefícios coletivos proporcionados por esta atividade, os fatores desencadeadores de exclusão, e, através de um breve relato histórico foram identificados os principais movimentos de luta pela valorização de seu trabalho e reconhecimento da atividade de catador de material reciclável como categoria profissional.

Processo que nos permitiu analisar a forma como os catadores da cidade de Pombal-PB estão organizados e conhecer não só a realidade socioeconômica e ambiental desses trabalhadores, como também, o processo de formação da associação e suas potencialidades de autogestão. Questionando, sobretudo, se a realidade na qual estão inseridos os catadores da ASCAMARP retrata-se como instrumento de inclusão social.

Através de estudo de caso *in lócus* descrevemos os fatores responsáveis pela inserção do público-alvo nesta atividade; a relação dos catadores com os atravessadores no processo de compra e venda do material coletado; e os benefícios proporcionados por esta atividade para preservação do meio ambiente, refletindo sucintamente sobre a conscientização dos catadores em prol da sustentabilidade ambiental.

Ressaltando a desvalorização desses trabalhadores, os dilemas dessa profissão e a exclusão camuflada pela inclusão ‘perversa’, refletimos sobre os reais desafios e possibilidades de inclusão dos catadores da ASCAMARP no cenário político, econômico, cultural e social desta cidade.

## 1 CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL

### 1.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Após a Revolução Industrial, intensificou-se a quantidade e a diversidade de resíduos sólidos nas áreas urbanas, em especial. A multiplicação de produtos de consumo em larga escala e a introdução das embalagens descartáveis no mercado, identificadas como questões econômica e ambiental, respectivamente, passaram a ser vistas como meio de sobrevivência para muitos trabalhadores, vítimas da exclusão, proporcionada pelo processo industrial e capitalista.

Durante a década de 1990, evidenciou-se no Brasil uma nova forma de produção, com vários acontecimentos que favoreceram a diminuição da utilização de mão de obra não especializada e a força de trabalho empregada. Trata-se do crescimento industrial, impulsionado pelo processo de globalização e pela expansão das multinacionais (que passaram a incorporar ao processo produtivo novas tecnologias) e a supervalorização da moeda - a partir do Plano Real - aumentando a importação, e, conseqüentemente, a competitividade por produtos estrangeiros, que acabou gerando problema para as empresas e aumento na taxa de desemprego (SEVERO, 2008).

A busca pela sobrevivência através de trabalhos informais também aumentou. E, em meio a essa confirmação destaca-se o número de trabalhadores na atividade de catador de materiais recicláveis, antes empregados do setor industrial 'agora' substituídos por máquinas e funcionários qualificados, confirmando as palavras de Freitas, Carvalho e Almeida (2011, p. 4), quando dizem que, *no ritmo acelerado do capital, a sobrevivência dos trabalhadores depende das condições impostas pela própria natureza do sistema capitalista*.

Ainda segundo Severo (2008), na atualidade é cada vez maior as exigências do mercado de trabalho formal e das grandes indústrias, firmadas numa complexa relação entre idade, escolaridade, qualificação profissional e outros fatores socioeconômicos de grande relevância para os interesses lucrativos do capitalismo.

Nesse contexto, um grande número de homens, mulheres, adultos e idosos são excluídos deste mercado de trabalho, encontrando como única alternativa para sobrevivência, a atividade de catador, como forma de garantir renda imediata. Embora coloque seus participantes às margens da sociedade, que se mostra preconceituosa e indiferente aos benefícios que esta atividade possa causar ao meio ambiente e ao bem estar da coletividade.

## 1.2 PERFIL DOS CATADORES

Contrário ao que se observa no mercado de trabalho formal, não existe critérios de seleção para se ingressar na atividade de catador de material reciclável. Identificados, relativamente, como um público com grau de escolaridade abaixo da primeira fase do ensino fundamental. Tais atores sociais geralmente apresentam idades acima dos trinta anos, muitos atingem a terceira idade (OLIVEIRA, 2011).

Severo (2008) acrescenta também, que os catadores de materiais recicláveis não possuem experiências anteriores de emprego formal, são oriundos da zona rural ou de situações de extrema pobreza. Trata-se de pessoas que passaram a trabalhar de forma autônoma, em condições subumanas e sem garantia dos seus direitos trabalhistas, objetivando encontrar meios para a sua sobrevivência e de suas famílias.

Em síntese, os catadores de materiais recicláveis são trabalhadores que convivem com a exclusão e sobrevivem das sobras da sociedade consumista.

Dessa forma, o autor acima citado apresenta as seguintes características que são comuns na atividade de coleta de materiais recicláveis:

- a) utilização de carrinhos de mão ou charretes;
- b) risco de problemas de saúde;
- c) dificuldades de acesso ao material;
- d) grande concorrência, principalmente, pelo papelão, garrafas PET e latinhas;
- e) e prejuízos nas negociações com os atravessadores.

Em seu dia a dia, os catadores são classificados segundo sua forma de organização e lugar de atuação. Assim, segundo Silva (2008), tem-se:

- a) catadores garimpeiros: que trabalham diariamente nos lixões;
- b) catadores autônomos e catadores associados: atuantes nas ruas, no comércio, nos domicílios e no próprio lixão.

No geral, os catadores de materiais recicláveis desenvolvem uma atividade de baixo custo e constituem o primeiro elo de produtividade na cadeia de reciclagem. E mais, (...) *se não fosse a mão de obra barata do catador, o processo de reciclagem não seria lucrativo a ponto de estimular empresários a investirem nesse nicho de mercado* (FERRAZ; GOMES; BUSATO, 2012, p. 764).

As formas de auto referência dos catadores, que oscilam entre a positividade - quando ressaltam a importância de seu trabalho para o meio ambiente - e a negatividade - sobre as condições de trabalho e o preconceito -, também nos faz refletir sobre as experiências

individuais anteriores a sua inserção na atividade de catador e sobre o baixo nível de escolaridade e de conhecimentos formais, como elementos que favorecem a desvalorização dos seus trabalhos por parte dos próprios catadores.

Uma vez, que boa parte dos catadores de materiais recicláveis é “desconhecedor” do significativo trabalho de sustentabilidade que desenvolvem, das contribuições para o meio ambiente, para a economia local, para o desenvolvimento social, e, principalmente, da sua atuação como cidadãos corresponsáveis com o seu meio (GONÇALVES, 2004).

Um trabalho que, em tese, os destaca como sujeitos protagonistas do processo de geração de renda e de cidadania, agentes de transformações sociais e ambientais.

### 1.3 RISCOS E BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE

Indiferentes às responsabilidades com o processo de gerenciamento do lixo e “reféns” de um modelo de desenvolvimento e cultura, que impõe um estilo de vida cujo padrão e conforto se baseiam no consumismo. Os consumidores compreendem que o lixo descartado é objeto de preocupação exclusiva dos responsáveis pela sua coleta e tratamento. Momento em que os catadores passam a atuar com a capacidade de gerar renda e auxiliar na resolução da grande problemática da sociedade moderna: o excesso de produção de resíduos sólidos.

Na verdade vivenciamos momentos de grandes intensidades. Todos os fatos bons ou não são transmitidos e repassados de maneira rápida e, a sociedade passa então a ser uma “consumidora” de vários elementos, sejam eles objetos concretos ou mesmo objetos imateriais (...). Somos uma sociedade dos descartáveis. (SALES *et al.*, 2012, p. 10)

Nessa sociedade dos descartáveis, muitas são as situações em que os catadores estão expostos a vários riscos, dentre os quais se destacam o contato com lixos hospitalares, materiais químicos, radiativos, poeira e as mudanças climáticas, inevitáveis àqueles que trabalham nos lixões; as doenças musculoesqueléticas - em razão do grande esforço físico -, acidentes por atropelamento e colisões, muito presentes no cotidiano dos que coletam material nas ruas; e o odor, as situações de estresse - ocasionada pelas condições de trabalho, pela sobrecarga e pela falta de apoio social -, fatos dos quais todos estes trabalhadores não estão isentos, independente do lugar de trabalho.

De acordo com Silva (2006), os acidentes de trabalho nessa atividade têm como principal motivo a não utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI). O contato direto com objetos perfurantes e contaminados exige essa medida de segurança como mínima

condição de trabalho. No entanto, o que se vê na prática é catadores totalmente desprotegidos em contato com os mais variados tipos de materiais descartados.

A rotina que os catadores têm no dia a dia é muito cansativa, e é realizada em condições arriscadas, um trabalho exaustivo, submetendo-se a problemas de saúde e a várias discriminações mediante a sociedade que não reconhece o grande trabalho destas pessoas que são sofredores, mas deveriam ser considerados guerreiros, pessoas que submetem-se a puxar ou empurrar um carrinho por toda a cidade e por várias horas, para conseguirem um pouco de dinheiro pra manter suas famílias. (MEDEIROS *et al*, 2012, p. 162).

Essa busca por renda suficiente para sobrevivência proporciona aos catadores uma jornada de trabalho, que além de exaustiva, os torna dependentes dos atravessadores, intermediários ou sucateiros, que são responsáveis pela compra e envio do material coletado para as indústrias de reciclagem.

Vale ressaltar, que os atravessadores atuam de forma seletiva, determinando valores para os diferentes materiais abaixo do esperado pelos catadores, deixando-os - em sua maioria - insatisfeitos com a exploração a que são submetidos. Pois, ao comprarem o material dos catadores autônomos - não cooperados -, os atravessadores acabam ficando com a maior parte dos lucros (MAGALHÃES, 2012).

O resultado é uma relação que se estabelece isenta de qualquer tipo de contrato ou salário formal, denominada entre ambos como uma relação de freguês e comerciante, onde a desorganização política e econômica dos catadores é fator culminante para existência e manutenção desses intermediários no processo de reciclagem.

Segundo Gonçalves (2004), o trabalho nas usinas de reciclagem é visto pelos catadores como melhores condições de trabalho e inclusão, mas na prática as condições precárias e excludentes continuam fazendo parte do seu dia-dia.

A vulnerabilidade, as fragilidades e as precariedades em que vivem os catadores revelam um processo de ‘inclusão perversa’, que camufla a exclusão. Ou seja, as restrições econômicas, políticas, culturais e sociais colocam em questão suas potencialidades e possibilidades de participação, de modo preconceituoso e excludente, fazendo com que os catadores continuem às margens da sociedade.

Destacam Ferraz, Gomes e Busato (2012, p. 767) que, (...) *o catador faz parte de um circuito produtivo pelo lado perverso, já que não possui poder de negociação, e a barganha, muitas vezes, é explorada pelo detentor do capital.*

Uma realidade que impõe ao catador a dualidade entre trabalho *versus* marginalidade. No entanto, mesmo diante da ausência de direitos trabalhistas, das condições injustas de

trabalho, dos riscos à saúde, dos preconceitos e da exploração, eles preferem optar pela atividade de catador que ingressar no mundo da criminalidade.

Na opinião de Costa e Pato (2010), os reflexos desse sistema que tem o domínio do mercado e a concentração das riquezas nas mãos de poucos, têm como consequência, dentre outras, a falta de perspectiva de futuro e a revolta dos catadores sobre a forma como são tratados em seu trabalho.

Também vale ressaltar, que a atividade de catador possui pontos positivos e negativos. Pois, ao mesmo tempo em que os expõe a situações de exploração, também os identifica como agentes ambientais. Mesmo que grande parte desses trabalhadores atue de forma inconsciente, eles contribuem para a redução dos impactos ambientais e da exploração dos recursos naturais não renováveis. Dessa forma, os catadores são agentes em benefício do bem-estar coletivo. E essa condição exige uma nova visão por parte da sociedade e do poder público sobre o lixo e seu significado, almejando mudanças na realidade desses trabalhadores.

Nesse cenário, a coleta seletiva, que significa uma importante atitude de cooperação com o trabalho dos catadores, bem que poderia ser incentivada, evitando, assim, que os catadores tivessem um contato direto com o lixo e com os riscos lá encontrados. No entanto, a promoção da coleta seletiva exige um trabalho de reeducação social, que pode ser associado à mobilização dos catadores em prol do reconhecimento de sua atividade como um trabalho digno.

#### 1.4 PROFISSÃO *VERSUS* SOBREVIVÊNCIA

A partir dos anos 90, com apoio de representantes da sociedade civil, do poder público e de iniciativa privada, evidenciaram-se vários movimentos em defesa dos direitos, da criação de políticas públicas e da organização dos catadores.

Segundo Besen (2011), como exemplos dessas ações destacam-se:

a) o Fórum Lixo e Cidadania Nacional (iniciativa da UNICEF) criado em 1998, e posteriormente outros nas esferas regionais, estaduais e municipais, oferecendo subsídios para o fortalecimento da organização desses trabalhadores;

b) o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNRC) criado em junho de 2001, que refletiu a mobilização dos catadores a nível nacional e tinha dentre outros objetivos a valorização e o reconhecimento da atividade como categoria profissional, a autogestão e o controle da cadeia de reciclagem;

c) e a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei de nº 12.305, de 02 de agosto de 2010, sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, alterando a Lei de nº 9.605/98 (dos Crimes Ambientais).

Elaborada a partir de uma mobilização conjugada do MNRC com a atuação governamental, a PNRS, segundo Magalhães (2012), destaca-se pelos seguintes pontos:

- a) prevê a redução na geração de resíduos sólidos;
- b) institui a responsabilidade compartilhada no processo de geração e gerenciamento de resíduos;
- c) impõe que os particulares elaborem seus Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, contribuindo com a eliminação dos lixões;
- d) e simboliza a ascensão da preocupação com a questão ambiental e com a inclusão dos catadores de materiais recicláveis.

Essa ascensão do discurso ambiental no meio social também favoreceu ao processo de autovalorização do trabalho dos catadores. A implantação de programas governamentais e políticas públicas de ambientalistas em defesa do meio ambiente estimularam - em parte - a conscientização dos catadores sobre a relevância do seu trabalho para o bem estar social, fazendo com que incorporassem em sua luta a bandeira ambiental levantada por esses programas e políticas. E não apenas a questão da sobrevivência, do reconhecimento e valorização de seu trabalho - por parte da sociedade, do poder público e demais segmentos não governamentais - que vigoram até os dias atuais.

Apesar de ser reconhecida como categoria profissional, pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) desde 2002, muitos são os desafios a serem enfrentados por esses profissionais, que isentos de direitos trabalhistas, expostos a preconceitos e condições insalubres de trabalho, são estigmatizados por estereótipos de marginalização e de algo que é sujo - o fato de muitos catadores serem moradores de rua faz com que tenham sua imagem ligada a criminalidade e ao lixo, quando na verdade deveriam ser compreendidos como detentores do poder de transformar aquilo que está no lixo em mercadoria. Pois,

(...) Embora o catador não represente o único elo da cadeia que existe entre o descarte do resíduo (condição de lixo) e a sua reutilização na indústria, é ele quem promove a transformação do *status* do material. Se o produto é criado pela indústria e o lixo advém da sua utilização pelo consumidor, o material reciclável *como tal* é, de fato, criado pelo catador. (MAGALHÃES, 2012, p. 44)

Situação que nos faz refletir mais uma vez sobre o ponto de vista dos catadores em relação a esta atividade que, como profissão, proporciona maior liberdade que nos empregos

formais, possibilidade imediata de garantir renda lícitamente e oportunidade de contribuir com uma cidade mais limpa. E, enquanto sobrevivência - sinônimo de resistir, escapar - termo muito presente na vida dos catadores de materiais recicláveis, deve superar a relevância da competição em suas atividades diárias. Considerando a economia solidária como caminho para melhores condições de vida, no combate ao preconceito e a exclusão social, através da solidariedade, do companheirismo e do trabalho coletivo.

### 1.5 ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma nova realidade no mundo do trabalho

O aumento da informalidade e do trabalho precário, influenciado pelas mudanças socioeconômicas, tem levado os trabalhadores a situações onde a sobrevivência está acima da garantia dos seus direitos sociais e trabalhistas. Em meio a este cenário, outras formas de organização do trabalho vêm surgindo, a exemplo do trabalho coletivo e da geração de renda autônoma. Uma nova realidade no mundo do trabalho, com novos atores sociais e objetivos que vão além dos valores lucrativos individuais (SENAES/MTE).

Identificada como alternativa de inclusão social para os trabalhadores excluídos pelas exigências do mercado de trabalho formal, a Economia Solidária (ES) traz como grande diferencial: o trabalho coletivo, a autogestão, a emancipação e a preocupação com a sustentabilidade do meio ambiente. Ou seja, uma prática oposta ao modo de produção dominante - o capitalismo (SINGER, 2002).

Representada pela sociedade civil, a economia solidária conta com o apoio de entidades ligadas a Igreja (católica ou não), Sindicatos e Universidades para a difusão dos conhecimentos básicos e necessários para a criação de Empreendimentos de Economia Solidária (EES), tais como: treinamentos em autogestão; realização de negócios; e relacionamentos interpessoais para o grupo.

Com vista para melhores condições de vida. Melhoras essas, que dizem respeito à democracia, a autonomia e a corresponsabilidade comunitária com o progresso coletivo e a sustentabilidade ambiental. A ES propõe redescobrir os autores dessa nova forma de organização no trabalho como sujeitos produtores de conhecimentos, uma vez que,

(...), para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana etc. (SINGER, 2002, p. 112).

Processo no qual, os catadores de materiais recicláveis precisam estar inseridos com formação para práticas solidárias através da transformação dos trabalhadores em instrumentos produtores de desenvolvimento e autogestão.

As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), inseridas nas universidades são exemplos concretos de expansão e difusão da economia solidária. Responsáveis pela organização e formação das comunidades em cooperativas.

## 1.6 ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES EM ASSOCIAÇÕES

Há uma grande dificuldade de precisar o número exato de catadores de materiais recicláveis no Brasil. Segundo dados publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012), isso se deve essencialmente ao preconceito em torno da profissão, que faz com que muitos dos trabalhadores ainda não se sintam confortáveis em assumir tal atividade como profissão, e sim como ocupação provisória.

Considerando o intervalo de tempo e as informações entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Cáritas Brasileira e o MNRC, dentre outras fontes, o Comunicado do IPEA (2012) afirma que o número de catadores no Brasil fica entre 400 e 600 mil. E que destes, apenas cerca de 10% participam de alguma organização coletiva.

Um número relativamente baixo diante da necessidade destes estarem unidos na luta por uma política de coleta seletiva concreta, que lhes garanta o direito de desempenharem sua profissão com condições dignas de trabalho, quando concretizado o fechamento dos lixões, previsto pela PNRS.

Já é fato comprovado que essa atividade se torna ainda mais discriminada e com baixa lucratividade quando desempenhada individualmente, mas em contrapartida a essa realidade existe o MNCR, os Fóruns e demais entidades defensoras da democracia, da solidariedade e da autogestão oferecendo reforço no trabalho e na organização dos catadores de materiais recicláveis em Cooperativas ou Associações. O que facilita o acesso às políticas públicas e apoio institucional por parte da administração pública na organização inicial das mesmas.

As organizações de catadores têm obtido recursos para: aquisição de equipamentos, construções de centrais de triagem, cursos de formação, melhorias nas condições sanitárias e de trabalho e fortalecimento de redes entre as organizações visando ampliar as vendas coletivas dos recicláveis para a indústria na lógica do comércio e com preços mais justos. (BESEN, 2011, p. 39 - 40)

Essas ações refletem também na forma como os catadores são vistos atualmente pela sociedade no geral, que apesar do preconceito ainda evidente, muito se tem evoluído sobre o reconhecimento e apoio a esses profissionais. Entretanto, os desafios pela legitimação de seus direitos colocam os catadores diariamente diante da falta de informações, problema ocasionado, principalmente, pelas precárias condições de vida que não lhes favorecem acesso à escola nem aos demais meios transmissores de informações. Daí a explicação para o fato de que muitos dos idealizadores desses movimentos de organização de catadores em associações serem as ONG's e as entidades religiosas, principais envolvidos com os trabalhos em defesa dos excluídos e marginalizados pela sociedade.

#### 1.6.1 ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE POMBAL-PB (ASCAMARP)

A ideia de formar a associação de catadores partiu da Paróquia Nossa Senhora do Bom Sucesso, influenciada pela proposta do seu pároco, Pe. Ernaldo José de Sousa, de ajudar as famílias que sobreviviam da atividade de coleta de materiais recicláveis, na época (2003), conhecidas como as famílias que sobreviviam do lixo.

Vista pelos seus idealizadores como uma alternativa de unir os catadores na luta para suprir suas necessidades, a associação passou a ser atrativa para estes últimos pelo fato de que o cadastramento de tais famílias lhes daria o direito a uma feira mensal - doada pela prefeitura, como também, facilitaria a ajuda em outras necessidades - intermediadas pelo Pe. Ernaldo com participação de ONG's e da sociedade local.

A partir do ano de 2007, com auxílio dos integrantes da Cáritas - entidade que trabalha na promoção e atuação social em defesa dos direitos humanos, da seguridade alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário - e do Programa de Ação Social de Políticas Públicas da Diocese de Cajazeiras (PASPP), foi elaborado o Estatuto e demais documentos necessários, passando a funcionar oficialmente a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Pombal - PB (ASCAMARP), com CNPJ registrado a partir de 2010.

A ASCAMARP conta atualmente com o registro de 43 sócios, distribuídos entre os diferentes cargos. Dente estes, destaca-se a sócia Erivânia de Sousa Firmino, escolhida em eleição aberta pelos demais sócios como presidente da associação, no ano de 2012 e reeleita por igual processo em abril de 2013.

As reuniões e encontros dos sócios acontecem em um galpão doado pela prefeitura desta cidade. O espaço físico, que tem uma parte coberta com telhado e outra aberta, também

é disponibilizado para separação e armazenamento do material coletado. Quanto à coleta e venda desse material, a escolha fica a critério de cada catador para coletar em diferentes locais e vender aos diferentes sucateiros existentes na cidade de Pombal.

Entre os principais colaboradores e parceiros de atividades da associação destacam-se a Cáritas e o PASPP, auxiliando na burocracia de documentos, organização do trabalho em rede e inscrições em projetos; o Centro de Educação Integrada “Margarida Pereira da Silva” (CEMAR), com a aplicação de cursos, capacitações e oficinas de confecção de produtos a partir do material coletado, entre outras ações; e o projeto de Fortalecimento do Associativismo e Cooperativismo dos Catadores de Materiais Recicláveis (CATAFORTE), com formações para a autogestão, assistência técnica e planejamento de atuação em rede. Outras instituições, entidades e ONG’s também atuam com projetos temporários de incentivo ao trabalho coletivo e a sustentabilidade ambiental, ou seja, a Economia Solidária.

Nesse contexto, destacou-se que a atuação de voluntários do Rotaract Club junto à associação, tinha em vista além da geração de renda imediata através da confecção de produtos reciclados ou reaproveitados, disseminar conhecimentos sobre o meio ambiente e o trabalho autogestionário. A exemplo do projeto de extensão desenvolvido por professores e alunos do curso de Engenharia Ambiental da UFCG em parceria com o CVT - Pombal (Centro Vocacional Tecnológico).

Nas reuniões procuramos palestrar sobre temas que abordassem, principalmente, a relação da reciclagem e o desenvolvimento sustentável, focando a grande relevância desse contexto para a comunidade e para o mundo, também foi discutido a importância desse trabalho para a sociedade e para o meio ambiente assim como a importância da organização e do cooperativismo e como o trabalho em equipe pode vir contribuir para a ASCAMARP e para o benefício próprio de cada um deles, visto que em um ambiente organizado resulta um melhor desempenho e bem estar no ambiente de trabalho. (FERREIRA *et al*, 2012, p. 487)

Sales *et al* (2012) acrescenta também, que fortalecer os laços de cooperação e coletividade dentro da ASCAMARP, significa um grande passo para a efetivação da economia solidária e do trabalho em rede. Pois, apesar dos catadores participarem de cursos e formações que visem essa nova forma de organização no trabalho, ainda prevalece na prática o trabalho individual e o descompromisso - de alguns sócios - para com a associação.

## 2 METODOLOGIA

Localizada no Sertão Paraibano, há 371 km da capital, a cidade de Pombal possui 32.110 habitantes, segundo dados do IBGE (CENSO Demográfico 2010). De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud 2010) seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0.634, identificado como o 18º da Paraíba.

Como a cidade não oferece campo de emprego vasto em indústrias ou cooperativas, a economia local é denominada basicamente pela agricultura, comércio local, setor de serviços e algumas fábricas. A População Economicamente Ativa (PEA) com renda de até um salário mínimo é de 8.981 pessoas - dados do IBGE (CENSO 2010) - e entre estas se encontram os catadores de materiais recicláveis: trabalhadores autônomos quanto à coleta e venda do material; atuantes em diferentes pontos da cidade; independentes e organizados em associação - conforme mencionado no capítulo anterior.

Através da leitura e avaliação de livros, teses, dissertações, periódicos e artigos, disponíveis eletronicamente e impressos, foi possível ampliar os conhecimentos sobre o trabalho dos catadores de materiais recicláveis no Brasil, com foco na realidade social dos catadores cadastrados na ASCAMARP.

Para delimitação do objeto de estudo, a coleta de dados foi realizada por meio de um Estudo de Caso, com Pesquisa de Campo. Não sendo possível identificar o número total de catadores em atividade na cidade de Pombal-PB, apenas aqueles cadastrados na ASCAMARP, optou-se por trabalhar com uma amostra de vinte e cinco sócios, dos quarenta e três cadastrados na associação.

Trata-se de um estudo de caráter quantitativo e qualitativo, onde através das visitas *in lócus* foi observada a realidade dos catadores, analisando os dados inerentes ao perfil socioeconômico e ambiental, e, ao processo de inclusão social dos catadores, com seus principais desafios e possibilidades de efetivação. Destacando também as ações e parcerias da associação.

Apoiando-se nos objetivos apresentados, foram utilizados como instrumentos para a coleta de informações, além da observação direta, três tipos de questionários típicos de uma pesquisa semiestruturada, que foram aplicados à presidente da associação, aos vinte e cinco sócios disponibilizados e ao comerciante identificado pelos catadores como dono da sucata - responsável pela compra do material.

Em virtude das especificidades do público-alvo, os questionários foram aplicados por meio de entrevista documentada de forma escrita e gravada - com devida permissão dos entrevistados, para o caso das questões abertas, desde que permanecesse o seu direito de anonimato -, almejando, desta forma, melhor compreensão por parte dos sujeitos envolvidos e maior fidelidade às informações coletadas, durante a análise e discussão dos dados.

Os encontros com este público-alvo totalizam o número de quatro momentos diferentes - duas reuniões no galpão da associação, uma visita ao lixão e uma visita à sucata. Nas ocasiões também foi coletado o material fotográfico.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da aplicação dos questionários constatou-se que embora predomine maior número de catadores do sexo masculino cadastrados na ASCAMARP, 56% homens e 44% mulheres, o número de mulheres atuantes nessa atividade é relativamente alto, considerando as condições de trabalho e os riscos a que estão expostas essas pessoas.

O quadro e o gráfico abaixo com os dados sobre a idade e a escolaridade dos catadores, respectivamente, nos remetem aos discursos analisados nas revisões literárias, quando Oliveira *et al* (2011) descrevem a atividade de catador de material reciclável como uma categoria profissional sem grandes exigências.

IDADE	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Entre 18 e 25 anos	4	16%
Entre 26 e 35 anos	3	12%
Entre 36 e 45 anos	7	28%
Entre 46 e 55 anos	5	20%
Entre 56 e 66 anos	6	24%
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Quadro 1: Faixa Etária dos catadores  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013

O fato de 44% desses trabalhadores com idade acima dos 45 anos estarem sem emprego formal e de 56% dos entrevistados serem analfabetos e os demais terem apenas iniciado ou concluído o ensino fundamental (como mostra gráfico abaixo), confirma a relação dos fatores idade e escolaridade com a exclusão das pessoas do mercado de trabalho formal. Uma realidade que as coloca as margens da sociedade e, conseqüentemente, inseridas nesta categoria profissional.

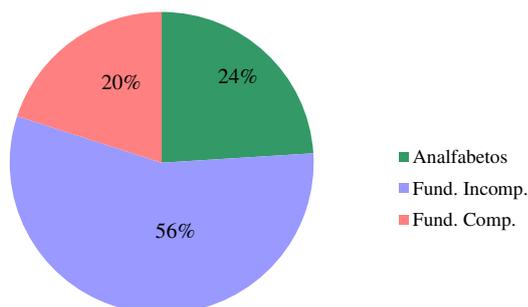


Gráfico 1: Escolaridade dos catadores  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013

Quando indagados por que foram trabalhar como catador, 80% dos entrevistados responderam que foi por estarem desempregados - com idade avançada e sem formação ou qualificação profissional -, ou seja, por necessidade de sobrevivência. Os outros 20% afirmaram que preferem ser catador por causa da autonomia no trabalho e também para terem uma ocupação.

Embora, as condições de trabalho sejam subumanas, 32% dos catadores responderam que não trocariam de trabalho porque já estão acostumados e até gostam da atividade, principalmente, da liberdade de horários que lhes proporciona. Os demais disseram que trocariam, almejando melhores condições de trabalho e perspectivas de futuro, mas ressaltaram a discriminação por sua idade ou seu nível de escolaridade, como mostram algumas das respostas abaixo destacadas:

Sim, eu trocaria, mas como não tenho leitura e também quem vai me dá trabalho nessa idade. (Catadora A, 65 anos)

É difícil porque não tenho estudo, mas eu trocaria de emprego sim. (Catadora B, 59 anos)

Aliás, a discriminação e o preconceito são elementos que fazem parte da realidade desses trabalhadores. Enfrentar ‘caras feias’ ou serem chamados de lixeiros foram discursos presentes em boa parte das falas dos catadores, no entanto, também foi destacado por alguns que isso não lhes atinge, alegando o fato de que todo trabalho é digno.

Preconceito não. As vezes eu fico assim porque em muitos “canto” a gente acha quem ajude, já traz tudo na sacolinha. Já em outros a gente vai tirar aí diz: ei num deixe o lixo espalhado não, “ajunte” tudo quando a senhora terminar. Outros dizem: num tem nada aí dentro não, a senhora vai pegar é uma doença, isso é seboso. É aquele tipo da coisa... a gente até num se sente bem, mas fica pra gente, eu mesma nunca levei nada a sério. A gente fica triste porque eles acham que esse é um tipo de trabalho que não é digno, mas a gente num leva em conta não... (risos). (Catadora C, 66 anos)

Embora as respostas quanto ao preconceito tenham sido bastante divididas, eles não hesitaram em destacar que entre as diversas dificuldades enfrentadas na prática da coleta de materiais recicláveis está a aceitação dessa atividade como profissão.

O preconceito as pessoas sempre tem, as vezes até na própria família. Eles não aceitam isso como um trabalho ou profissão. (Catadora D, 59 anos)

Situação que se caracteriza primordialmente, segundo Ferreira *et al* (2012), pela precariedade do trabalho, que envolve não só a má remuneração e a instabilidade financeira, como também, o não reconhecimento, a restrição aos direitos trabalhistas e a falta de perspectiva de crescimento profissional. Problemas estes, também mencionados pelos catadores da ASCAMARP:

A maior dificuldade que eu encontro é o ganho que quase não dá pra viver, mas eu vou porque é o jeito, o “caba” tem que trabalhar mesmo. (Catador E, 40 anos)

A dificuldade é porque além de não ter carrinho pra carregar o material, a população também não ajuda, bota as coisas tudo misturada, a gente tem que mexer no lixo até achar alguma coisa pra reciclagem. (Catadora F, 47 anos)

Trabalho que apesar de ser considerado perigoso pela grande maioria dos catadores, 64% dos entrevistados afirmaram não utilizar equipamentos de proteção, senão, chapéus e camisas longas, em especial o público feminino. Confirmando assim, aquilo que Silva (2006) diz, no capítulo anterior, sobre os acidentes de trabalho nesta atividade.



Figura 1: Catadores no lixão.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.



Figura 2: Separação do material no galpão.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

As situações a que estão expostos os catadores de materiais recicláveis nos remetem a questionarmos sobre o atendimento as necessidades básicas desse público. Em que condições humanas eles sobrevivem? Habitação, acesso à saúde? Sua renda como catador, é suficiente para que proporcionem uma qualidade de vida digna para sua família? Além é claro, da vulnerabilidade aos vícios e aos problemas cotidianos de quem trabalha na rua.

Com base nestes questionamentos propostos por Sales (2012), em um estudo sobre este mesmo público desta cidade, e nos questionários aplicados aos catadores da ASCAMARP, que afirmaram trabalhar de dois a oito dias por semana, num intervalo de

tempo que varia de três a dez horas diária, foi possível identificar a composição da renda familiar mensal desses trabalhadores, apresentada através do seguinte quadro:

COMPOSIÇÃO DA RENDA	%	RENDA MENSA	%
Catador de Material Reciclável	40	Menos de 1 SM	72
Catador + Bolsa Família, Pensão ou Aposent.	48	1 SM	4
Catador + Bicos em outras atividades	12	De 1 a 2 SM	24

Quadro 2: Composição da Renda Mensal dos catadores.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Dados que retratam a realidade de quem, apesar de ultrapassar a carga horária estimada para o trabalho semanal, não consegue sobreviver exclusivamente com o que ganha em sua profissão. Ficando a mercê de ajuda de programas governamentais, de atividades extras ao seu trabalho, ou até mesmo em algumas situações, submetendo-se a empréstimos por parte do atravessador (dono da sucata). Condição que acaba influenciando também na relação entre ambos, gerando situações que variam entre amizade, companheirismo e até mesmo de desconfiança, como relata uma das catadoras:

As vezes a gente faz uma conta do material que coletou quando vai lá vender é outra completamente diferente, mas ninguém pode fazer nada, que ninguém vai agravar o outro sem ter prova, tem que respeitar né. (Catadora C, 66 anos)

Apesar de alguns catadores demonstrarem insatisfação, através dos depoimentos, quanto ao processo de compra dos materiais por parte do dono da sucata, o mesmo afirmou que existe uma boa relação entre ambos e que a insatisfação dos catadores é resultado do baixo valor no mercado de produtos coletados e que isso não é de sua responsabilidade.



Figura 3: Trabalhadores da sucata.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.



Figura 4: Máquina de Prensar na sucata.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Tratar as questões de inclusão/exclusão como situações das quais se definem em estar ou não estar empregado, significa deixar de lado aqueles que trabalham e não vivenciam um cotidiano específico de quem está incluído no mercado de emprego formal. Vivenciando, portanto, formas sutis de exclusão que conduzem a uma aparente inclusão, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis (MEDEIROS e MACÊDO, 2006).

Nesse cenário de restrições e desvalorização, onde os catadores tem sua força de trabalho explorada e nem assim conseguem garantir condições dignas de sobrevivência, ressalta-se mais uma vez a relevância da união dessa categoria profissional através do trabalho coletivo.

Na luta por uma efetiva inclusão social dos catadores, a ASCAMARP enfrenta uma diversidade de desafios, destacando-se entre eles o desinteresse e a participação dos sócios nos assuntos inerentes a associação, que acaba refletindo na trajetória de todos.



Figura 5: Reunião da ASCAMARP.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.



Figura 6: Construção de galpão no lixão.  
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Apesar de a associação ter grande histórico de projetos em parceria com a Cáritas, o PASPP, o CEMAR, o Rotaract Club, a UFCG e atualmente com o Cooperar e a Prefeitura (na construção do galpão no próprio lixão), a falta de interesse dos sócios foi o principal motivo para que não se registrem grandes resultados nos projetos e para que não fossem dado continuidade beneficiando todo o grupo. Uma vez, que a demonstração de interesse por parte do público alvo faz toda diferença, como relata a própria presidente da ASCAMARP:

Querendo ou não a falta de interesse dos sócios hoje é a maior dificuldade enfrentada pela associação. Porque desde o início se eles colocassem a mão na consciência e quisessem reerguer a mais tempo algo pra nós mesmo, pra ter o nosso salário bem certinho, com a união de todos a gente já estava onde nós queremos chegar agora, que é a construção do galpão. A questão é essa, muita falta interesse de quem mais deveria ter. (Presidente, 29 anos)

Isso também é confirmado em relação à frequência dos sócios às reuniões mensais (a cada dia 30):

Eu diria que frequência nas reuniões é mais ou menos. Porque nem sempre todos participam, dos 43 vem 15, e as vezes até menos... (risos). Mas tá dando pra gente levar... agora quando é algum por fora, vem todo mundo, todos querem participar, principalmente das viagens... (risos). (Presidente, 29 anos)

Embora o desinteresse pelos assuntos da associação e a baixa frequência nas reuniões tenham sido destacados como obstáculos no andamento de suas ações, a presidente ressaltou que a relação entre os sócios é boa. A compreensão sobre o funcionamento e as atribuições dos cargos melhorou bastante, pois os problemas e desentendimentos são encaminhados para o momento das reuniões.

A cada três meses, a Cáritas em conjunto com o PASPP, promove um encontro em João Pessoa, com dois dias de reuniões e um dia para lazer junto aos catadores de diferentes cidades. Projeto que tem em vista capacitar e unir o grupo de catadores na luta por melhores condições de vida.

Em relação ao apoio e reconhecimento da sociedade sobre a importância da associação e do trabalho desenvolvido pelos catadores, a presidente deixou claro que,

(...) Um tempo atrás eu diria que não. Nós não temos apoio de ninguém, mas agora boa parte da sociedade está nos ajudando. Hoje têm mais gente nos valorizando, alguns já tão até separando o material. Nosso trabalho tá indo pra frente, mas sem o apoio da sociedade não tem como a gente se reerguer. (Presidente, 29 anos)

Afirmção esta, que não cai em contradição com as respostas dos catadores, quando 56% disseram que boa parte da comunidade local reconhece a relevância do seu trabalho para preservação do meio ambiente. Embora muito ainda tenha que ser feito a respeito da conscientização social e da aceitação dos catadores como agentes ambientais.

Para Ferreira *et al* (2012), envolver os próprios catadores em projetos de educação ambiental na comunidade escolar desta cidade, reforça o sentido de inclusão social dos catadores provocando na sociedade um novo olhar sobre a importância desses trabalhadores para a limpeza da cidade, e, conseqüentemente, para o meio ambiente.

O autor acrescenta que,

(...), despertar a importância destas pessoas para a sociedade faz com que eles próprios reconheçam o valor de seu trabalho e, neste aspecto eles irão entender melhor a realização de seu trabalho e, a dignidade que este pode o proporcionar, se estiverem bem organizados. (FERREIRA *et al*, 2012, p. 486)

Outra grande alternativa em vista da inclusão social deste público é colocar em prática as propostas de economia solidária e empreendedorismo, trabalhadas durante os mini cursos disponibilizados pelo CEMAR junto aos catadores da ASCAMARP. Uma vez, que na prática prevalece o trabalho individual dos catadores e nenhuma atividade é desenvolvida por parte da associação que possa gerar renda extra para os sócios, além do trabalho de coleta dos materiais recicláveis. Ou seja, as possibilidades de inclusão, assim como os obstáculos, estão presentes na realidade da ASCAMARP. Restando aos sócios, organização, interesse e coletividade para resolução dos problemas e conquista de melhores condições de vida para todo o grupo.

## CONCLUSÕES

Diante do que foi analisado no material tomado como referencial e a partir dos dados coletados na pesquisa de campo, observou-se que o perfil socioeconômico e ambiental dos catadores de materiais recicláveis cadastrados na ASCAMARP tem características condizentes com aquelas apresentadas pelos diferentes autores.

Constatou-se que este grupo de trabalhadores tem maior número de homens, com faixa etária entre os 18 e 66 anos de idade, e que 24% são analfabetos, os demais apenas iniciaram ou concluíram o ensino fundamental.

Com sua força de trabalho explorada, 72% dos catadores de materiais recicláveis sobrevivem com renda mensal que não chega a um salário mínimo - exceto aqueles que recebem ajuda de programas do governo federal, aposentadorias ou complementam com outras atividades.

Os fatores desencadeadores da inserção dessas pessoas no trabalho de coleta de materiais recicláveis, identificados por um grupo de 40% dos catadores, evidenciaram a relação entre as exigências do mercado de trabalho formal e os elementos idade, escolaridade e qualificação profissional.

Nesse contexto, confirmou-se que isentos de direitos trabalhistas 64% dos catadores trabalham sem a utilização de equipamentos de proteção. Atuando sob precárias condições de trabalho e submetidos a situações de preconceito e discriminação.

Não se pode desconsiderar, diante das análises realizadas, que fazem parte do cotidiano da ASCAMARP iniciativas que almejam a inclusão social dos catadores. Porém, o principal obstáculo é o compromisso e a falta de interesse dos sócios com os assuntos da associação.

O desafio configura-se, portanto, na prática de um processo de reeducação social. Voltado para os sócios da ASCAMARP, no sentido de incorporar em seu trabalho a solidariedade e o coletivo como pressupostos para o progresso do grupo. E para a sociedade, no sentido de despertar a valorização do trabalho dos catadores e que o indivíduo reconheça-se como cidadão comprometido com o meio ambiente e o bem-estar coletivo.

A partir dos resultados apresentados nesta pesquisa, espera-se que outros estudos sejam desenvolvidos, colocando como foco as situações de inclusão/exclusão dos catadores de materiais recicláveis. E que as discussões e reflexões sobre a realidade dos catadores da ASCAMARP sejam ampliadas, favorecendo a disseminação de políticas públicas de inclusão social e melhores condições de vida para estes trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

- BESSEN, Gina Rizpah. **Coleta seletiva com inclusão de catadores: construção participativa de indicadores e índices de sustentabilidade**. Tese (Doutorado) São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2011.
- BRASIL, Secretaria Nacional de Economia Solidária. Iª CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Anais**. Brasília: SENAES/MTE, 2006.
- COSTA, C. M. e PATO, C. A trajetória de vida dos catadores de materiais recicláveis: uma infância marcada pela exclusão. **Entrelaçando: Revista Eletrônica de Culturas e Educação**. N. 1, p. 80 - 96, Ano I (out/2010).
- DIAS, Allan Rodrigues. **Condições de vida, trajetórias e modos de “estar” e “ser” catador: estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba (PR)**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: s.n., 2002, 105p.
- FERRAZ, L.; GOMES, M<sup>a</sup> H. A.; BUSATO, M<sup>a</sup> A. O catador de material reciclável: um agente ambiental. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n<sup>o</sup> 3, opinião 5, Rio de Janeiro, set. 2012, p. 763 - 769.
- FERREIRA, Paloma M. L. *et al.* A educação ambiental contribuindo com o processo de transformação social a partir da associação dos catadores de materiais recicláveis de Pombal-PB. In: I CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM GESTÃO AMBIENTAL COLABORATIVA - Cigac Semiárido. Sousa-PB. **ANAIS**, 2012, p. 486 - 489.
- FREITAS, C. A. L. L.; CARVALHO, T. K. P.; ALMEIDA, R. B. O trabalhador catador em situação de lumpemproletariado na moderna configuração do capital. **Revista Pegada**, vol. especial 31 julho 2011, p. 03 - 19.
- GONÇALVES, Raquel de Souza **Catadores de Materiais Recicláveis: trajetória de vida, trabalho e saúde**. Dissertação (Mestrado). FIOCRUZ/ENSP. Rio de Janeiro, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível:<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251210&search=para%20pombal>>. Acesso em: 05/09/2013.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMIA APLICADA. Plano Nacional de Resíduos Sólidos: diagnóstico dos resíduos sólidos urbanos, agrosilvopastoris e a questão dos catadores. **Comunicado 145**. Abril de 2012.
- MAGALHÃES, Beatriz Judice. **Liminaridade e exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira**. Dissertação (Mestrado). UFMG/FFC, Belo Horizonte-MG, 2012.
- MEDEIROS, L. F. R. e MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia e Sociedade** [online], v. 18, n. 2, Porto Alegre, mai./ago. 2006, p. 62 - 71.

MEDEIROS, Marília C. *et al.* Trajetória de luta e trabalho convivendo com a exclusão social: estudo de caso do catadores de materiais recicláveis de Pombal-PB. In: I CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM GESTÃO AMBIENTAL COLABORATIVA - Cigac Semiárido. Sousa-PB. **ANAIS**, 2012, p. 161 - 162.

OLIVEIRA, Michele Morais *et al.* A sobrevivência como foco: cotidiano e perspectivas de futuro dos catadores de materiais recicláveis. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**. Viçosa, v. 22, n. 1, 2011, p. 06 - 24.

PORTAL BRASIL. **Economia solidária promove inclusão social**. 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/economia-solidaria-promove-inclusao-social>>. Acesso em: 20/09/2013.

SALES, Luís G. L. *et al.* Desafios para a transformação social dos catadores de materiais recicláveis de Pombal-PB. **Revista Educação Ambiental em Ação**. Nº 41. 03/09/2012.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas: Situação de Trabalho**. Dissertação (Mestrado). UFPEL/ISP, Pelotas-RS, 2008.

SILVA, Marcelo C. **Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do Sul do Brasil**. Tese (Doutorado) UFPEL/Faculdade de Medicina, Pelotas-RS, 2006.

SILVA, M<sup>a</sup> S. F. e JOIA, P. R. Situação sócio-econômica dos catadores de materiais recicláveis na cidade de Aquidauana/MS. **Terr@Plural**, v. 2 n. 1, Ponta Grossa, jan./jun. 2008, p. 25 - 39.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.